

13-04-2021

EPIDEMIOLOGIA PARA PRINCIPIANTES (III)

Dionísia Preto Malwin

[Educatória Física - Doula]

Por ser principiante em epidemiologia e essa ciência, antes misteriosa, estar hoje (ainda) na boca do povo resolvi voltar aqui para continuar aprendendo e relembrar uma querida amiga. Entre amigos, quando a gente não sabe responder bem a alguma pergunta, a gente diz: “*estou pensando em voz alta*”. E quando a gente está escrevendo, para amigos, sobre algum problema que a gente não conhece bem, a gente pode responder: “*estou pensando com o movimento da mão*”.

Também resolvi pensar com a mão por pensar na Edna, minha professora epidemióloga. Eu não a via há alguns anos e soube há pouco que o Covid-19 a levou.

Se a tristeza que nos acompanha nessa pandemia não bastasse, pela forma irresponsável como é conduzida pelo poder político e econômico, ainda temos que conviver com as perdas. Perdi uma grávida que eu cuidava para o Covid e agora a Edna.

Dupla desgraça que nos abate: a pandemia e os governos sob o comando federal. Mãos atadas, pés acorrentados e coração destrocado. Mesmo assim, faço um esforço para retomar o tema epidemiológico, comparando o que havia em janeiro, quando falei aqui sobre os indicadores.

No dia 13 de janeiro/2021, a morbidade pela Covid-19 ($\frac{\text{doentes por Covid}}{\text{nº de brasileiros}}$) era de 3,85%. Hoje, dia 06 de abril de 2021, os casos confirmados, que consideramos doentes pelas razões explicadas anteriormente, são hoje 13.013.600 e o número de brasileiros, hoje, às 15:52, é de 212.916.842.

Assim, a morbidade hoje é $\frac{13.013.600}{212.916.842}$ de 6,11%.

É natural o aumento, tendo em vista o aumento de casos confirmados. A grande questão é que sem a vacinação em massa rapidamente e sem as medidas de isolamento radical necessárias o aumento de casos segue uma curva percentual muito rápida que não tem limite.

Basta ver que em menos de 3 meses, o número percentual da morbidade aumentou de 3,85% para 6,11%.

Como não sabemos como estão evoluindo e como evoluirão os casos confirmados, esperar mais quantos meses para ver essa proporção aumentar? Essas pessoas ficaram doentes? Estão doentes? Têm sequelas? Ficarão ainda doentes?

Ou, ainda, poderão se re-contaminar com novas variantes? Perguntas que só a ciência responderá e nunca o negacionismo, a necropolítica, a irresponsabilidade...

Agora vamos ver o que aconteceu com a mortalidade.

Lembrando a fração de mortalidade: $\frac{\text{mortos por Covid}}{\text{Nº de brasileiros}}$.

Temos hoje, dia 06 de abril de 2021, às 15:52h, a seguinte fração: $\frac{332.752 \text{ mortos por Covid}}{212.916.842 \text{ brasileiros}}$. O resultado é 0,15%.

A mortalidade em menos de 3 meses aumentou de 0,09% para 0,15%. Você acha isso pouco? Se acha pegue uma passeata hipotética pela democracia com 100 mil pessoas, nesses tempos sombrios, reprimida com violência pela polícia oficial e infiltrada com a milícia fascista. Em janeiro morreriam 90 democratas, em abril morreriam 150 cidadãos brasileiros que defendem um país mais responsável. Esse seria o comportamento epidemiológico de um país desgovernado. Quisera poder estar com a Edna para lhe perguntar se estou certa em meu raciocínio levado por minhas mãos... E quanto à letalidade, o que aconteceu nesses menos de 3 meses? Lembro a fração de letalidade:

$\frac{\text{mortos por Covid}}{\text{doentes por Covid}}$. Fica assim: $\frac{332.752 \text{ mortos}}{13.013.600 \text{ doentes}}$.

O resultado é 2,55%. Relembro que em janeiro era de 2,51%. É fácil observar que houve um aumento. Se fosse em rentabilidade de investimento financeiro, essa diferença provocaria lucros milionários na bolsa de valores.

Trocando em miúdos, a força de matar (força letal) da doença aumentou em 0,04% no período.

O que está acontecendo com nosso país? Até quando vamos assistir a isso? Nesse período em que perdi uma gestante que eu acompanhava, além de minha amiga Edna, sou testemunha de como é difícil manter o isolamento em situações em que o trabalho depende do toque, do olho no olho, na palavra falada com carinho ao pé do ouvido.

Mantenho minha atividade com minhas gestantes à distância, compartilhando com elas as angústias da gravidez associadas aos medos da pandemia e às repulsas pelas medidas inacreditáveis contrárias à ciência, expelidas pelo presidente da república, por vários de seus ministros e, aqui em São Paulo, por vários prefeitos e, tantas vezes, no bate cabeça do governador com prefeitos e secretários nas medidas a serem tomadas. A sensação de que o Brasil é hoje um barco à deriva, por mais que algumas medidas venham a ser tomadas, principalmente quanto à vacinação, não deixa de nos afligir. Por sorte, entre as gestantes que consigo acompanhar nesse período, não há nenhuma que siga a cartilha da negação. Ontem, uma delas manifestou o desejo de ir à igreja, por força da liminar do juiz bolsonarista do STF. Estávamos em nossa reunião habitual falando sobre a gravidez e fiquei aguardando alguém do grupo dizer alguma coisa sobre o seu desejo. Fiquei feliz porque todas as que estavam na laive foram unânimes. Uma delas ainda brincou: *“você vai deixar a barriga em casa para ir à igreja?”* É isso! Precisamos pensar mais em voz alta e pensar mais com o movimento das mãos... ■ ■ ■

Nota dos Editores: Os leitores devem considerar que o texto foi escrito no dia 6 de abril de 2021, antes do pico de aumento de mortes diárias no Brasil.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.